

do Loreto d'esta cidade. Pois este local tão desprotegido das bellezas naturaes, que chega mesmo a passar despercebido ao viandante, por não apresentar cousa que desperte a attenção, é hoje objecto do maior interesse archeologico pelos vestigios que nelle ha e pelas suas lendas e tradições. Deve ser curiosa e interessante a historia d'essas cavidades ou cavernas abertas em rocha branda que o acaso descobriu ha algumas semanas numa terra pegada á estrada pela parte de cima em frente das casas em que se encontraram pedras soltas de diversos tamanhos, carvão muito misturado com terra, fragmentos de tijolo, de louça grosseira e de ossos, que nos deixaram na incerteza ou se ascendem a uma só epocha ou a diferentes, por isso que a circumstancia de estes mesmos vestigios apparecerem tambem em certa area em volta, faz presumir que pertencem a um pequeno povoado que a tradição diz ter havido aqui. Agora acharam-se duas, mas julga-se que sejam mais, porque consta que ha annos, por identico motivo, se pôs a descoberto outra de maiores dimensões muito proximo d'estas. Communicam entre si por galerias muito estreitas que só permittiam entrar de rasto, e as suas partes mais largas tinham a fórma de um pequeno forno de pão em que mal se cabia de joelhos. Ao pôr a descoberto as entradas encontraram-se na remoção das terras pedaços de *pedras de raio*, nome porque são denominados os machados e os martellos do periodo neolithico. Ellas não são naturaes mas artificiaes, e a sua disposição e situação tornam ainda mais difficil de explicar o destino que tiveram estas cavidades neste lugar onde houve noutro tempo uma grande feira, se encontraram tantas cantarias lavradas, tantas ossadas em sepulturas tapadas proximo do sitio da capella, e onde, finalmente, conta a lenda, os christãos venceram em rija peleja os mouros que fugiram do Castello de Rebordãos, cujas ruinas ficam a alguns kilometros de distancia envoltos nas dobras da serra de Nogueira.

Bragança, 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

A mesa dos ladrões em Valle d'Ovos

Pelos fins de Novembro, ou principios de Dezembro, de 1846, fazendo parte de uma columna volante, que saiu do Valle de Santarem, sob o commando do Sr. José Joaquim Januario Lapa, passámos por Valle d'Ovos, proximo a Chão de Maças. E digamos, de passagem, que os ovos e maçãs que alli ha, são pedras soltas de todos os tamanhos e feitios, algumas arvores enfezadas, e algum mato amarellado

e de palmo de altura: é o que se encontra numa extensão, aproximadamente, de 20 kilometros. Alguns soldados da columna volante, naturaes das terras alli proximas, mostraram-me a *Mesa dos Ladrões*.

Era uma grande lage, de fôrma irregular, com bastante espessura, sobreposta a uma outra pedra irregularissima na sua fôrma, parecendo, de longe, uma gigantesca mesa de columna. Algumas pedras tambem irregulares, em numero de tres ou quatro, caídas junto da gigantesca base, quasi semelhavam os pés que fazem não pérder o equilibrio ás mesas de sala.

Não faltou, de entre os soldados, quem contasse uma lenda, mais ou menos terrivel, allusiva áquella grande mole; o que ajudou bastante para se fazer a marcha até Ourem, aonde ganhou o titulo de visconde o commandante d'aquella força.

De entre as lendas, occorrem-me as seguintes:

1.^a—Chamava-se *Mesa dos Ladrões* áquella grande pedra, porque sobre ella as quadrilhas, que infestavam aquelles contornos, repartiam as prêsas; e ás vezes as divisões davam em resultado grandes rixas e mortes, e a isto se attribuia haverem-se encontrado alguns esqueletos humanos nas suas proximidades;

2.^a—Que em todas as noites de S. João se ouviam alli gemidos e gritos afflictivos; e desgraçado de todo aquelle que se aproximasse das onze á meia-noite, «porque levava a sua conta por em cheio»;

3.^a—Que sobre aquella banca o rei moiro de Ourem mandava amarrar a argolas de ferro as mulheres que lhe eram infieis, para serem devorados pelos abutres;

4.^a—Que alli eram degolados os christãos que não queriam renegar;

5.^a—Que alli (e foi esta a que mais agradou ao capitão Joaquim Pinheiro Chagas, que fazia parte da columna) um chefe de ladrões roubou e degolou, numa noite escurissima, uma familia inteira de lavradores, e que, pela manhã, quando se foi passar nova busca aos desgraçados, para serem enterrados, o chefe reconheceu os cadaveres de seu pae, mãe, irmãos, irmãs, cunhados, etc., e o da mulher que o tinha ajudado a criar; e que desde então a pedra tem manchas de sangue que os seculos não tem podido gastar. Que o chefe ficou de tal modo, que em roda da mesa sacrificou todo o bando que capitaneava, e deu uma tal cabeçada no centro da mesa que, abrindo-se uma cavidade, nella penetrou a cabeça, ficando prêsa, e elle na posição vertical com os pés para o ar, esperneando por muitos annos; até que, passando um bispo, que ia para Leiria, ou Coimbra, lhe levantou a excommunhão ou maldição do pae, e pôde mirrar-se o corpo que o tempo foi desfazendo. E como o facto se deu numa noite de

S. João, é por isso que a cabeça, que ainda está viva, sae do seu estojo 'todos os annos em cada uma d'essas noites, passeia pela mesa, dando gemidos e gritos, até que á meia-noite se recolhe.

Naquella occasião, os meus 22 annos e alguns* meses aconselham-me a que promettesse a mim mesmo que, se escapasse ás balas da Sr.^a D. Maria da Fonte, na primeira noite de S. João em que eu pudesse, iria alli em romaria, para ver a cabeça passear, gemer, e até averiguar se ella me entendia.

Esta promessa chegou a esquecer-me, assim como a mesa; até que, em 1863, sendo tenente de caçadores n.^o 6, fui destacado para aquellas proximidades e me veiu á memoria o que deixo dito. Fiz tenção de cumprir a promessa. Estavamos em Maio, não tinha muito que esperar.

Tres dias depois de chegar àquelles sitios, não tendo em que me occupar, informei-me do local da mesa.

Fui lá, com um trabalhador e uma escada. Subi á pedra, que era uma grande estratificação de calcareo branco com manchas amarellas e vermelhas de oxido de ferro, em que abunda a serra.

No maior comprimento media 5 metros, e 3 metros na maior largura. Parecia ter sido desbastada em algumas partes. Para um dos lados tinha dois ou tres buracos tapados com chumbo, saindo d'elles restos de espigas de ferro, bastante deterioradas pelo oxido, havendo a distancia de mais de metro de um a outro buraco.

Ao centro havia uma depressão cheia de terra que, mandada limpar, tinha o feitio de uma tigela com algumas fendas, partindo do centro em fórma de raios. A depressão tinha a profundidade de 0^m,10 a 0^m,15. A espessura da pedra em algumas partes era de 0^m,87, e a que lhe servia de base tinha de circumferencia uns 8 metros e de altura 4^m,5. Junto havia duas grandes pedras com umas cavidades irregulares, que diziam ser aonde o gigante firmou os pés para pôr a mesa sobre a base.

Antes do mês de Junho d'esse anno já o camartello civilizador tinha lançado por terra a mesa, base e *pés do gigante!*...

Quem, em que tempo, e como se levantou aquella immensa mole?

Os chumbadouros seriam, deveras, para se amarrar gente, ou teriam servido para se içar a pedra áquella altura?

Elvas, Agosto de 1884.—*Manuel José da Costa e Silva.*

Nota ao artigo precedente.

O artigo precedente sahi publicado em folhetim d-*O Elvense*. O autor é já fallecido.—Foi o meu amigo Antonio Thomás Pires

quem teve a boa lembrança de m'o enviar, para ser reproduzido n-*O Archeologo Português*.

Da descripção parece concluir-se que a *Mesa dos Ladrões* é um dolmen. Como muitas outras vezes succedeu, a imaginação popular apoderou-se d'elle e revestiu-o de lendas e superstições; vid. factos semelhantes nas *Religiões da Lusitania*, I, 289.

A denominação de «Mesa» provém do aspecto geral do monumento. Muitas vezes emprega-se na lingoagem dos archeologos portuguezes esta expressão para se designar a tampa ou cobertura do dolmem, mas tal expressão em português é impropria (tradução do francês *table*).

A associação que aqui se nota do monumento com a festa do S. João e com os Mouros é commum a outros. A crença de que na pedra ficaram sempre manchas de sangue resultantes de um crime encontra-se tambem noutros pontos de Portugal.

J. L. DE V.

Antiguidades romanas em Evora

O arco de D. Isabel e um trecho da cêrca velha

A muralha romana marca-se ainda hoje com segurança na cidade de Evora. Uma collina de grande base, formada de granito e schisto, tendo a poente o pequeno ribeiro da Torrejela, a sul e nascente, em larga curva, o Xarrama, que vae desaguar ao Sado, foi escolhida pelos povos antigos para moradia; e os romanos na coroa da collina, ergueram a sua muralha.

Não se trata porém aqui de caso parecido com a Citania de Briteiros, ou com S. Romão de Ceia: montes de escarpas abruptas, defendidos por torrentes em valles fundos. Aqui o horizonte é largo, a collina tem brandos declives excepto pelo lado oriental, os ribeiros passam a distancia; mas, todavia, é certo, Evora está entre duas ribeiras, talvez, antigamente, de importancia defensiva, hoje por areadas, sem importancia militar; ribeiras quasi sem agua, que no inverno nos pégos dão pardelhas, e no resto do anno só tem coelhos.

Da muralha romana ha restos sufficientes para se lhe marcar rigorosamente todo o circuito; pelas Alcarcovas de cima e de baixo, Salvador, e praça de Sertorio, arco de D. Isabel, muralha norte do templo romano, que é um grande trecho, palacio dos Bastos ou pateo de S. Miguel, ao angulo da rua do Collegio onde existiu a torre *mouchinha*, e agora pela Freiria de baixo, ao largo da Misericordia e á pequena igreja de S. Vicente onde começa a Alcarcova de baixo.